

MISSÃO PEDAGÓGICA PRETA JM

CORPOS E SABERES PRETOS

MÚSICA E POESIA
LINGUAGEM E IDENTIDADE

POLIFONIA E SUBJETIVIDADE
INCLUSÃO E CIDADANIA



SUMÁRIO



03

DOS ORGANIZADORES

Apresentação desta edição.

04

DEPOIMENTOS

Relatos discengtes das vivências proporcionadas pelos diferentes projetos promovidos.

06

GESTÃO DEMOCRÁTICA E EQUIDADE

Entrevista com o diretor Marcelo Nascimento.

11

O AUTORECONHECIMENTO NA CRIAÇÃO DE ESCULTURAS

Entrevista com a profa. de História, Etyelly Nicoli

13

QUADRINHOS: HERÓIS E HEROÍNAS PRETOS DA HISTÓRIA BRASILEIRA E CAPIXABA

Entrevista com a profa. de Sociologia, Jamile Pereira

15

SETEMBRO VERDE E EQUIDADE

Entrevista com a educadora Katia Schimidt

18

DEBATES SOBRE O RACISMO: VIDAS NEGRAIS IMPORTAM

Relato de prática da profa. de Língua Portuguesa, Jeanny Duarte

11

HIP HOP: GRAFITE

Entrevista com o prof. de Filosofia, Gerson dos Reis

Comissão Editorial

DOCENTES ORGANIZADORES

ETIELLY NICOLI
JHONATHAN SANTANA

DISCENTES ORGANIZADORES

ANA PAULA
RYAN
EMILLY

ENTREVISTADORES

GUILHERME
LUANA CAITANO
LUIS OTÁVIO

FOTÓGRAFOS

KAILANE

DOS ORGANIZADORES

Em sua primeira edição, a Revista JM apresenta as ações realizadas pela comunidade da escola EEEFM Dr. José Moyses, no contexto da Missão Pedagógica Preta, capitaneada localmente pela SRE de Cariacica.

Para esta edição, foram realizadas entrevistas com servidores de diferentes disciplinas e segmentos, que promoveram ações nas três áreas da organização curricular capixaba. Os projetos abarcam práticas artísticas, linguísticas, pedagógico-científicas, etc. sobre diferentes aspectos das relações étnico-raciais no âmbito brasileiro e capixaba.

A revista conta ainda com a veiculação de depoimentos de diferentes atores sobre as práticas vivenciadas, bem como com a exposição de alguns dos trabalhos produzidos.



DEPOIMENTOS



LUANA CAITANO 1º MARKETING

Os projetos sobre a consciência negra na escola foi um momento especial, com iniciativas incríveis dos professores que fizeram muitos alunos se sentirem acolhidos. A participação dos alunos foi ótima, mostrando a importância de promover mais eventos como esse para que todos se sintam parte da comunidade escolar e orgulhosos de suas raízes. Seria interessante ter mais atividades sobre a história da cultura negra, a luta contra o racismo e a importância da representatividade, além de contato com artistas negros. Acredito que, juntos, podemos construir uma escola mais justa e inclusiva.



JOÃO JUSTINO, 2ºM3

Eu acho que essas atividades que os professores estão fazendo é muito bom para nós, que somos adolescentes, nós temos uma cabeça muito fechada. A gente vive muito no nosso mundo. Então, esses movimentos, essas atividades muito boas, meio que extracurriculares, são muito boas para abrir a nossa mente, para, por mais que muita das vezes a gente brincando com o amigo nosso, chamando de ser uma brincadeira, racista, mas é uma brincadeira que muitos de nós fazemos. Então, essas atividades, eu acho que incorpora mais a gente, abre muito a nossa mente.



JULIA, 3º MARKETING

Esses projetos ajudaram os alunos a entender melhor a cultura negra e a se sentirem acolhidos. A representatividade e a inclusão são importantes para construir uma sociedade mais justa, e ver a cultura negra sendo celebrada na escola contribui para que os alunos se sintam mais seguros em sua identidade. Iniciativas como essa inspiram empatia, respeito e valorização da diversidade, combatendo o preconceito.

EDIÇÃO ESPECIAL:

CORPOS E SABERES PRETOS



A edição intitulada "Corpos e Saberes Pretos" traz à tona a riqueza dos projetos pedagógicos desenvolvidos na nossa escola, celebrando as diversas formas de conhecimento e resistência dos corpos pretos em nosso território. Nesta publicação, destacamos as iniciativas que promovem a valorização da ancestralidade, a luta contra o racismo e a construção de uma educação que reconhece e enaltece as vozes e histórias negras. Aqui, os saberes pretos não são apenas uma herança, mas um farol que ilumina novas possibilidades de ensino e transformação social.

GESTÃO DEMOCRÁTICA E EQUIDADE

*ENTREVISTA COM O GESTOR ESCOLAR, MARCELO NASCIMENTO,
REALIZADA PELOS DISCENTES GUILHERME, LUIS OTÁVIO E KAILANE*

A entrevista que abre essa edição, realizada com o gestor escolar Marcelo Nascimento, teve como foco compreender o caminho trilhado ao longo de sua formação acadêmica e carreira profissional e sua influência na visão educacional implementada na gestão da unidade de ensino EEEFM Dr. José Moyses.

Gostaríamos de iniciar perguntando um pouco sobre você, sobre como foi a sua jornada para chegar na direção escolar.

Marcelo Nascimento: Eu fui um aluno bem dedicado ao longo da minha jornada escolar desde muito cedo. E eu comecei na escola pública em 1991. Eu lembro do ensino fundamental. Eu estudei numa escola do bairro. O Oliveira Castro, que é o nome da escola, eu me lembro até hoje e fui alfabetizada ali na primeira, na segunda série. Mas sempre buscando assim superar todo e qualquer desafio na minha vida. Então, eu sempre fui esse aluno que via o desafio e buscava superar. Chegava nas avaliações, eu buscava dar o melhor que eu tinha. Chegava em casa, estudava, tinha meus momentos separados. Aí entrei no ensino Fundamental dois. Lá no tempo era chamado de ginásio. Ainda me dediquei bastante, estudei os quatro anos desse ginásio, hoje Ensino Fundamental dois.



Terminada a oitava série, eu tive o acesso ao Senai e aí eu fui me profissionalizar, me tornei mecânico de imediato, como menor aprendiz, ia para a escola de manhã, a Escola normal. Aí já estava na escola particular. Nesse tempo, lá em Barcelona, Serra ia para o Senai, que era uma escola indústria. Então aprendi a trabalhar com com peças de metal, fazer todo aquele momento de formação para se tornar de fato um profissional da indústria. E aí eu fui trabalhar num estágio na Vale, empresa que existe até hoje, né? Que é uma mineradora. Fiquei um ano. E vi que eu não tinha um perfil para trabalhar como um empregado na indústria. E a gente trabalha muito com essa questão. Eu, pelo menos até hoje, com o perfil, o que eu tenho de característica. E aí eu sempre tive algo voltado para a escola. E fui. E passei na época uma graduação para fazer licenciatura. Eu fiz licenciatura em Química, estudei uns quatro anos. E aí aquela dedicação, uma que é o curso de licenciatura em Química, não é tão simples assim.



É uma disciplina que vocês sabem como é que é, né? No próprio ensino médio, nas dificuldades que se tem. Agora, imagine estudar química todos os dias na faculdade. Então eu passei por momentos assim. Eu preciso me dedicar, eu preciso estudar de fato. E assim fiz. Foram quatro anos. Ao final, os quatro anos formados, eu prestei um concurso público. Passei. Foi a minha primeira cadeira que nós chamamos, que é a efetivação como professor. Então, vim trabalhar 25 horas no governo do Estado pela Sedu. E aí eu começo a carreira de fato, que hoje já tem 16 anos que eu estou trabalhando entre professor. Nesse momento, como gestor, o gestor, ele surgiu como uma oportunidade. Eu me lembro em 2014, quando meu diretor estava aposentando, ele me deu a indicação para a secretaria em assumir temporariamente uma direção de escola. Eu assumi a escola, que é hoje uma área Penedo, Linda Barra. Então fiquei lá por três anos, praticamente.

Ao final dos três anos eu migrei para essa escola. Enquanto professor de química. Fiquei aqui em 2000 e 18h19 e ao final de 2019 surgiu minha primeira oportunidade de fazer uma entrevista para assumir a direção de uma escola. Aí eu fui para um processo seletivo com uma entrevista lá na SEDU e eu fui indicado, então selecionado naquele momento para assumir a direção da escola da do município de Santa Leopoldina. Eu fui diretor lá por dois anos. Foi o tempo da academia 2020 21. Eu fui dois anos, dois anos completos, em que eu tive a oportunidade de, de fato, assumir uma direção e ali pelas competências necessárias para o cargo de gestão.

Ao final desse tempo, eu fiz novamente um processo seletivo e fui selecionado para vir para a escola que hoje eu atuo enquanto gestor, que é a nossa escola Dr. José Moysés. Então a minha carreira foi, foi e está sendo um momento de muito esforço

Bom, a gente estava conversando agora sobre a sua jornada e tal, e a gente percebeu que está tendo vários projetos pela escola. E a gente queria perguntar assim se você fosse um estudante, no caso, como você aproveitaria esses projetos, essas oportunidades que está tendo então?

Guilherme, eu aproveitaria da melhor maneira possível. E como que a gente aproveitaria se engajando, se envolvendo com cada projeto? Se o professor que está ali na sala de aula, atuando em cima desse projeto, levantando a moral de vocês, eu não deixaria esse momento escapar. Perguntaria o que é necessário, se eu posso participar disso? O que é necessário sabe fazer igual. Vocês estão fazendo essa entrevista comigo aqui, certamente orientado pela disciplina. Então eu utilizarei a palavra se envolver. Não deixe a oportunidade passar. Então, como o Guilherme está fazendo esse projeto? Como você acha que as pessoas, além dos muros da escola saibam desse projeto desenvolvido nela? Então. Guilherme Luiz. Luiz Otávio. Luiz Otávio. A gente precisa aproveitar o que a tecnologia tem a nosso favor hoje. Por exemplo, hoje a gente está fazendo aqui quase que um podcast.

Sim, tem essa visão. É interessante. Acho que dá para a gente colocar para frente com os demais colegas. Mas hoje a gente tem ferramentas de mídias sociais que facilitam isso. Uma rede social a escola mesmo tem uma rede social que está aí com mais de 1000 adeptos e visitantes.

Nessa página da escola, onde a gente pode colocar fotos, desenvolver textos que relacionam aquele assunto que a gente está falando, então é utilizar o que a gente tem aqui ofertado de forma gratuita. Então, com um celular às mãos, vocês podem, em muitos momentos, fazer rios, fazer vídeos, fotos, escrever e postar para que o mundo lá fora, as pessoas que estão em torno da escola ou até mesmo alguns quilômetros de distância consigam ver o que está sendo realizado aqui de forma intencional dentro da escola e que nesse momento, com o assunto que a gente traz para o debate, que a gente está trabalhando, de certa forma com a questão da missão pedagógica preta e falar do que ela traz de mudança na vida, tanto de quem está dentro da escola como quem está fora também.



Em sua visão como o diretor, qual é a importância desse projeto para a escola?

Muito bem, Guilherme. O diretor de escola, O gestor escolar. Ele tem uma expectativa muito grande com todos os alunos, com tudo o que é feito dentro da escola. O principal objetivo, meta que a gente tem dentro da escola é que a gente consiga produzir conhecimento, gerar aprendizagens.

Não existe outra função da escola que não essa, gerar aprendizagens. E a aprendizagem. Não é só naquele momento que vocês estão ouvindo o professor dentro da sala de aula, mas quando vocês estão criando. Produtos como esse que vocês estão fazendo comigo, que agora a gente tá produzindo conhecimento juntos. Então, a importância do projeto é ser pontual naquilo que ele deseja. O projeto Missão Pedagógica Preta ele tem como objetivo central você promover a equidade racial, o combate ao racismo, a discriminação. Então, a partir desse momento em que as pessoas são envolvidas nesse projeto, elas começam a ter alertas, insights e ter compreensão melhor sobre determinado assunto. Então você divulga, você torna ele mais acessível para que as pessoas compreendam e assim consigam melhorar suas vidas.

Como é que você acha que esses projetos podem influenciar na vida de um estudante negro? E como você acha que vai mudar na educação desses jovens?

Muito bem, Luiz. A pergunta é interessante e a gente sabe que a nossa escola, ela possui um grande número de alunos autodeclarados negros, pardos e pretos. Então, nossa escola está num circuito de gestão estabelecido pela Secretaria de Educação, em que existem ações, tarefas que precisam entrar em cena para contribuir com a educação. Diante desse espaço, o projeto Missão Pedagógica Preta, associada a diversas tarefas levantadas por vários professores e pela escola de forma geral, vai contribuir para que o aluno se perceba, enquanto negro, em que ele valoriza a etnia dele, em que ele saiba o valor que tem cada cada ser, inclusive ele mesmo, enquanto negro há um imaginário, por exemplo, em que o negro ele não possui beleza.

E eu vi alguns projetos sendo desenvolvidos principalmente com fotografias enaltecedo a beleza negra. Não de outras pessoas fora da escola, mas de dentro da escola mesmo. Se vocês perceberam, tinha foto minha colada no corredor. Eu me autodeclarado então como negro. E me chamaram para participar dessa exposição, né? Tirei a foto ali, junto com outros alunos que também tiveram essa iniciativa. Tiraram suas fotos para que valorizasse a estética, a estética negra. Então o aluno começa a se perceber que ele não é alguém fora desse planeta. Ele é desse planeta, ele é dessa região, ele é negro e ele não pode levar isso como vergonha, mas como um orgulho. E influencia, porque esse aluno ele começa a se sentir realmente parte integrante dessa sociedade e que ele consegue outras coisas alcançar quando ele se encontra também como pessoa. Então é um momento de valorização do ser.

A gente queria saber quais são suas considerações sobre esse projeto que estamos fazendo sobre a pedagogia preta.

Então, a pedagogia preta, nós temos, na verdade, no ano de 2024, a missão pedagógica preta, estabelecida como um, digamos que um barco, um carro forte que está conduzindo a nossa educação, principalmente no município de Cariacica. Para a gente fortalecer a equidade racial e dar oportunidade. Todos os nossos jovens, inclusive os nossos alunos negros, pretos e pardos, consigam se perceber realmente pertencentes a essa sociedade e que consiga gerar neles um sentimento de valorização.

A desigualdade educacional vem imperando na rede pública por muito tempo e principalmente para os nossos alunos negros. Parece que eles são excluídos do rumo que a direção precisa tomar. E para o sucesso, parece que eles são excluídos desse processo. E a partir do momento que ele consegue se perceber enquanto sujeito de direito, ele vai tendo oportunidade de construir seu próprio futuro e aí se valorizando e se reconhecendo como negro e sabendo que ele precisa combater também essa esse momento de racismo, de discriminação racial. Então, esses projetos eles trazem, digamos, para dentro da escola, tarefas, ações que contribuem de forma positiva para que consiga desenvolver uma educação de qualidade, uma educação de equidade, onde todo mundo tenha direitos, onde todo mundo consiga alcançar o sucesso para a vida. Então a escola está aberta, dando apoio para cada momento desse e que ela se torne realmente celeiros, um celeiro, um celeiro de grandes oportunidades e que todos os nossos alunos tenham oportunidade dentro dessa escola





O AUTORECONHECIMENTO NA CRIAÇÃO DE ESCULTURAS

ENTREVISTA COM A PROFA. DE HISTÓRIA, ETYELLY NICOLI, REALIZADA PELOS DISCENTES RYAN MARTINS E LUANA CAITANO

O que é esse projeto?

O projeto é o trabalho sobre a Consciência Negra, que é um projeto desenvolvido pela área de humanas, tendo como objetivo promover o autoreconhecimento, que a segunda se reconheça como é.

Em que esse projeto influencia na questão étnico-racial?

Então esse projeto traz para o aluno uma consciência, porque nós temos um grande problema nessa escola. O aluno não se reconhece preto. O aluno aqui na escola não se identifica, não se vê dessa forma.

O aluno aqui da escola se vê muito distante da cor, da tonalidade. Muitos aqui se olham e se enxergam totalmente brancos. Uma vez que nessa escola também nós já passamos para uma série de problemas de racismo.

Então esse projeto vem como uma forma de autoconhecimento. Trabalhar isso, a sua identidade do aluno, autoconhecimento, reconhecimento de quem eu sou de fato e qual é o meu papel na sociedade. Esse projeto tem essa função e esse objetivo.

O grupo de alunos que participam desse projeto é diverso ou é um grupo majoritariamente de pretos e partos?

que são bem diversos, né? E na sua... assim, eu não posso quantificar, porque se eu quantificar, acho que vai ficar até errado, mas é uma... até é uma turma que tem bolivianos, é uma turma muito negro, é uma turma que tem muitos alunos do AE, e é uma turma que tem essa ideia de abraçar, então é uma turma que traz essa, além de tudo, a identificação nessas esculturas, o abraçar, por ser uma turma muito,

muito diversificada, com a identidade negra, com os alunos especiais do AE, com os alunos, imigrantes, vindos, eles abraçam muito, então essa turma traz essa identidade também para a escultura.

Qual é o impacto desse projeto ter na vida dos alunos, pretos e partos especiais, no que ele ajuda?

reconhecimento, depois do projeto pronto, até porque eles têm que estudar, porque o tema da escultura é todo quanto preconceito, é um tema inicial dessa escultura. E à medida que eles recebem um tema, eles têm que projetar essa escultura dentro desse tema através da pintura.

Então, à medida que isso acontece, eles estudam, eles buscam, eles tiveram aulas, então ali dentro eles começam o reconhecimento e mostrar para o outro também, que é uma história muito bonita, é uma história de luta, é uma história de sobrevivência e é uma história de reconhecimento.



QUADRINHOS: HERÓIS E HEROÍNAS PRETOS DA HISTÓRIA BRASILEIRA E CAPIXABA

*ENTREVISTA COM A PROFA. DE SOCIOLOGIA, JAMILLE PEREIRA,
REALIZADA PELA DISCENTE EVELIN OLIVEIRA*





Como surgiu a ideia desse projeto?

A ideia do projeto surgiu a partir de um diálogo entre os professores da áreas Interdisciplinar de Humanas e Códigos e Linguagens. Junto com o tema trazido em relação a 20 de novembro, que é o dia do Movimento Negro e da Consciência Negra. Então o Jonathan, professor de língua portuguesa da escola, definiu, né? A gente trabalhar personagens negros para dar uma ênfase, né? E trazer essa discussão em sala de aula sobre a trajetória da população negra no Brasil desde sempre, né? Ela vem aí na nossa sociedade, tendo trabalhar como herói, né? Sendo um herói por dia para poder sobreviver, né? Nessa sociedade racista que nós temos aí sociedade preconceituosa.

E por que heróis negros?

Porque, como eu falei, o herói negro para poder dar um ênfase, né? Na na situação do movimento negro em relação e também na situação do negro no Brasil. Por que o negro, né? Para ele ser reconhecido, ele é reconhecido como herói na nossa sociedade, porque nós, eu incluso nós, Porque eu também sou uma mulher negra, né? A gente precisa lutar muito, batalhar muito, né?

Para ter ênfase na nossa sociedade, para a gente conseguir ascender socialmente, porque tudo é muito mais difícil para nós, negros, devido em relação à dificuldade e à posição social que o negro se encontra na nossa sociedade. Porque nós, negros infelizmente, Somos vistos ainda num termo subalterno, né? Devido à grande visão racista que é o Brasil, o negro ele ainda é. Ele ainda está nas áreas da subalternidade. Emprego subalterno, salário subalterno, comunidade subalterna. Então, para o John, ele trouxe essa visão de trabalhar o herói negro, porque realmente o negro na nossa sociedade ele é visto. Ele é um herói, ele é um herói. Ele é herói para poder cuidar da família. Ele é herói para poder ascender socialmente na família, né? Ele é herói para poder. Ele é herói na sociedade. Para poder ser visto ele tem que batalhar três vezes mais, né, na sociedade para ele ser reconhecido e para ele ser valorizado.

Esse projeto ele é feito através de quadrinhos. No caso, os alunos fazem em quadrinhos, como nós podemos refletir através desses quadrinhos?

Bom, de antemão a proposta do projeto é que vocês escolhessem um artista, um personagem negro e falasse sobre esse personagem negro e escrevesse uma teoria crítica sobre esse personagem negro.

Então, qual é o objetivo disso aí? E vocês entenderam. Vocês criaram um contexto crítico, uma teoria crítica, uma tese crítica, né? E montasse essa, essa criticidade. Em. No quadrinho. Igual. Como, por exemplo, se você escolhesse Leila Gonzalez. Quem foi Leila Gonzalez no Brasil? Qual a importância dessa mulher negra no para nós, né? No Brasil, principalmente para nós, mulheres negras no Brasil. Qual é a relevância? O que ela trouxe de tão importante para nós que nos assemelhou, que é uma semelhança que nos espelhou a também lutar pelo movimento negro, a também lutar pelas nossas divergências no Brasil. Bom, a Leila Gonzalez, ela é uma grande teórica, né, que trouxe aí a possibilidade de que nós também podemos ir para o mundo acadêmico, assim como ela. Foi bem por isso que a importância de trabalhar os heróis negros, né? Porque os heróis negros, como eu gosto muito de falar dos nossos ancestrais. Para nós estarmos aqui hoje. Nossos ancestrais trabalharam lá atrás. Bem, então. E a gente vai se transformando, né? De geração isso vai passando de geração em geração. Igual eu. Eu posto que eu tenho hoje, eu quero que a minha filha anteceda mais do que antecede socialmente. E isso vai se passando. Por isso a importância de trabalhar com heróis negros em quadrinhos, né? Transformando eles em heróis, heróis e heroínas.

E qual o principal objetivo desse projeto?

Jamilly: O principal objetivo desse projeto é trazer a ênfase, né? É trabalhar o contexto da diminuição do que o negro está numa posição subalternizada, né? Porque o de um negro numa posição de coitado, O negro ele não é coitado, né? Ele, ele infelizmente na sociedade. Ele está numa posição subalterna por falta de oportunidades feitas por eles. Eu gosto de enfatizar também de que o negro.

Ele passou por um período muito longo de colonização, de escravização no Brasil e para nós tudo era negado. A gente era negado a viver socialmente na nossa sociedade, era negado, escola era negado, políticas públicas mesmo. Bom, e isso se perpassou por muitos séculos, por muitos anos, por muitas décadas, né? E o que o que ocorre é o objetivo, o. A necessidade de trabalhar projetos como esse. Trabalhar a conscientização de vocês alunos, né? Para ter noção do que O que é direitos de vocês, né? E o que vocês ainda podem fazer por isso? Por exemplo, cotas raciais. Você sabem o que é cota racial? Não. Você sabem o que é a cota racial? É um direito de vocês. Alunos de escolas públicas, não só de escola pública, mas também de escolas privadas, mas de pessoas que são consideradas pelo IBGE negras. E o que que é a cota racial? A cota racial é uma quantidade de vagas que são reservadas para a população negra a entrar e a entrar nas instituições públicas, por exemplo, uma universidade ou um concurso público. Sim. Então, quando a gente trabalha esses projetos assim, né? Integradores são para poder despertar a importância, né, das políticas públicas que nós temos aí na sociedade é a importância, a valorização, principalmente a valorização do negro. Numa sociedade tão racista e intolerante, preconceituosa que nós temos.

E como os professores envolvidos, eles percebem o engajamento dos alunos? É positivo ou negativo?

O engajamento dos alunos superou a nossa expectativa. Literalmente, eu percebi. Eu até falei com o professor Jonathan que vocês estão muito engajados, estão muito interativos, estão muito entusiasmados e está avançando muito. O projeto está até adiantando. Eu acredito que a gente consiga finalizar o projeto até antes do prazo estipulado. De tão engajado, de tão interessados, vocês estão.

SETEMBRO VERDE E EQUIDADE

*ENTREVISTA COM A PROFA. DA EDUCAÇÃO ESPECIAL, KATIA SCHIMIDT,
REALIZADA PELOS DISCENTES EMILLY ALBUQUERQUE E RYAN MARTINS*



O que é esse projeto?

Esse projeto é uma causa muito especial que abraçamos anualmente: o "Setembro Verde", dedicado à conscientização e luta pela inclusão da Pessoa com Deficiência em nossa sociedade.

É um mês para nos lembrar da luta de milhares de deficientes por mais igualdade, respeito e principalmente menos preconceito.

Como esse projeto influencia na questão étnica racial?

Influencia dando voz e vez, pois vivemos em um mundo formado por etnias com suas especificidades, mas todos com os mesmos direitos e deveres, baseados em uma condição única de Ser Humano.



Algumas pessoas os “rotulam” através de sua fisionomia, ou por causa de algum utensílio que usam (seja ela: cadeira de rodas, bengalas, óculos, muletas...), mas se esquecem de que tem um grupo de deficientes que não são tão perceptíveis (como: autistas leves, TDAH (Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade), paralisia cerebral leve) e etc.

Refletir sobre o assunto é importante, saber o que eles passam é valido, mas precisamos dar visibilidade a eles o ano todo, pois o que eles querem é um país mais acessível, com mais oportunidades.

A deficiência não os define, mas faz parte deles, a luta deles não é para serem “especiais”, mas, para terem leis e o cumprimento delas.

O grupo de alunos que participam desse projeto é diverso ou é um grupo maioritariamente de pretos e pardos ?

O grupo de alunos que participam desse projeto é maioritariamente de pretos e pardos.

Qual impacto esse projeto tem na vida dos alunos pretos e pardos especiais, no que ele ajuda?

Todos nós temos um papel fundamental nessa jornada pela inclusão. Precisamos refletir sobre nossas atitudes e combater o capacitismo, que é a discriminação contra pessoas com deficiência. É essencial garantir que nossa sociedade seja cada vez mais acessível, acolhedora e respeitosa com todos os cidadãos.

Sabemos que dentro das escolas, os alunos com deficiência em sua maioria são de pretos e pardos. E que estes são vistos como “ineficientes” aos olhos dos ditos “normais”.



DEBATES SOBRE O RACISMO: VIDAS NEGRAS IMPORTAM

*ENTREVISTA COM A PROFA. DE LÍNGUA PORTUGUESA, JEANNY DUARTE,
REALIZADA PELOS DISCENTES EMILLY ALBUQUERQUE E RYAN MARTINS*



NO CONTEXTO DAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA, A PROFESSORA JEANNY DUARTE MEDIOU DEBATES ACERCA DOS IMPACTOS DAS PRÁTICAS RACISTAS NA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE JUSTA E IGUALITÁRIA.

O projeto de realização de debates em sala de aula foi idealizado com o propósito de desenvolver competências fundamentais nos alunos, como a comunicação oral, o pensamento crítico, a construção de argumentos sólidos, o respeito às opiniões divergentes e a empatia. A prática de debates é uma ferramenta poderosa para estimular os alunos a refletirem sobre temas complexos e polêmicos, contribuindo não apenas para sua formação acadêmica, mas também para o seu crescimento como cidadãos conscientes e ativos em questões sociais.

A dinâmica dos debates é organizada em etapas, começando com uma explicação detalhada sobre o que é um debate, suas características e sua estrutura. Em seguida, promovemos um brainstorming com a turma, no qual os próprios alunos sugerem temas de seu interesse, incentivando uma maior conexão com o conteúdo. Entre os temas abordados estão Racismo, Aborto, Legalização da Maconha, Porte e Posse de Armas, Experimentos em Animais, Estupro, Pena de Morte, Casamento Homoafetivo, Violência Psicológica e Bullying. Destes, os mais escolhidos foram Racismo, Aborto e Estupro, o que demonstra o interesse dos alunos por questões que afetam diretamente a sociedade e as suas realidades.

Após a escolha do tema, os alunos são divididos em grupos e cada grupo é responsável por preparar seus argumentos a favor e contra o tema, usando diferentes tipos de argumentação, como exemplificação, comprovação, comparação, de autoridade e histórico. A preparação é um momento crucial, no qual eles aprofundam o estudo sobre o tema escolhido e constroem uma linha de raciocínio que sustente suas opiniões. É interessante observar que nem sempre os integrantes de um mesmo grupo compartilham a mesma opinião, o que gera debates internos ainda mais ricos e reflexivos.

A realização do debate segue uma estrutura formal, em que cada grupo tem um tempo para expor seus argumentos, responder perguntas de outros grupos e defender seu ponto de vista. Um grupo específico é responsável por realizar no mínimo três perguntas para o grupo em debate, garantindo que a discussão não se torne superficial ou engessada, mas sim um diálogo dinâmico e profundo. A interação entre os grupos permite que os alunos desenvolvam não apenas suas habilidades de argumentação, mas também a capacidade de escutar ativamente e contrarargumentar de forma respeitosa e bem embasada.

Um dos grandes diferenciais deste projeto é que ele não se limita ao desenvolvimento de habilidades acadêmicas, mas promove, acima de tudo, uma educação para a cidadania. Ao debater temas como racismo e aborto, os alunos são desafiados a refletir sobre suas próprias crenças e preconceitos, e a considerar outras perspectivas. Eles aprendem que discordar não significa desrespeitar, e que é possível construir um diálogo produtivo mesmo em situações de divergência.

Ao longo dessa experiência, tem sido gratificante observar o crescimento dos alunos, tanto em termos de habilidade de comunicação quanto em sua capacidade de se posicionarem criticamente sobre questões complexas. O projeto de debates em sala de aula se mostrou uma estratégia eficaz para promover um ambiente educacional mais participativo, onde os alunos não apenas absorvem conhecimento, mas também se tornam protagonistas do processo de aprendizagem e reflexão sobre a sociedade em que vivem.



O grafite, como expressão artística urbana, tem profundas raízes na cultura negra, surgindo nas periferias como uma forma de resistência e afirmação identitária. Ele vai além de uma arte visual, sendo uma voz poderosa que denuncia opressões, reivindica espaços e celebra a ancestralidade. Através do grafite, artistas negros transformam a cidade em um palco de luta, cultura e memória, ressignificando espaços públicos e amplificando narrativas que muitas vezes são silenciadas pela sociedade.

HIP HOP: GRAFITE

*ENTREVISTA COM A PROF. DE FILOSOFIA, GERSON DOS REIS, REALIZADA
PELOS DISCENTES LANNA MOREIRA E EMILLY GOMES*



Professor, o que é grafite?

Vamos lá pelo começo, então. Dentro do projeto de eletiva da Escola Doutor José Moisés. Nós estamos fazendo, desde o primeiro trimestre, agora no segundo também, vamos continuar no terceiro, fazendo com os alunos aqui o projeto de grafite. Aqui, o nosso grafite se trata dentro da cultura hip hop, porque tem os quatro elementos do hip hop, que é o rap, que é a poesia, a rima, a musicalidade, tem também o break, que é dança, que é dança de rua, tem também os DJs e tem o grafite, como dos quatro elementos do hip hop. E aí nós estamos proporcionando isso.

Qual a importância na para a sociedade?

A importância do grafite para a sociedade parte pouco do que ela é em si. O grafite é uma expressão artística popular, uma expressão de rua, uma expressão das periferias, onde através da arte do desenho, a pessoa manifesta suas ideias, faz o seu processo também, crítico, dentro da temática que quer abordar através do desenho. Tem também as fichações que a gente vê pelos muros da rua, que não têm nada a ver com grafite, que é escrito, embora que o grafitte é escrita também. Mas o grafitte é quando a gente vê os desenhos, geralmente nos muros, por aí, é o desenho do grafitte.

E qual é o objetivo do grafitte?

O objetivo do grafitte, por ser uma arte O grafite lá é uma manifestação cultural, crítica, de uma temática que a pessoa quer expressar. Aqui dentro da escola, dentro do que nós estamos fazendo as reflexões do nosso projeto de eletiva, puxando pouquinho pelo peso que eu dou à aula que é filosofia, tendo que essa temática, a gente vai fazer uns desenhos relacionados ao que nós estamos refletindo dentro da aula.

E qual é a importância para os alunos?

Por ser uma arte, o grafite é uma manifestação cultural. A importância para o aluno, dentro do que nós propomos aqui, é através do desenho do grafite, ele mostrar o ponto de vista dele sobre a temática que está sendo abordada. Agora, no terceiro trimestre, por exemplo, dentro da eletiva, nós vamos estar focando a consciência negra. E através do desenho, através do grafite, nós vamos estar expressando aquilo que nós estamos refletindo sobre a inclusão social do negro na sociedade, a riqueza da cultura negra na sociedade brasileira, e também fazendo uma crítica sobre o racismo e o preconceito, que é algo infelizmente muito presente ainda no nosso meio.



DIREITOS HUMANOS

Karlem Davi - 1º MKTM

*O direito não é só lealdade,
Mas sim liberdade.
Liberdade de viver,
Liberdade de sonhar,
Assim podemos recomeçar.*

*Não importa a nacionalidade,
Todos nós temos que ter liberdade,
Direito de expressão,
Não importa a razão,
O direito está em nossas mãos!*

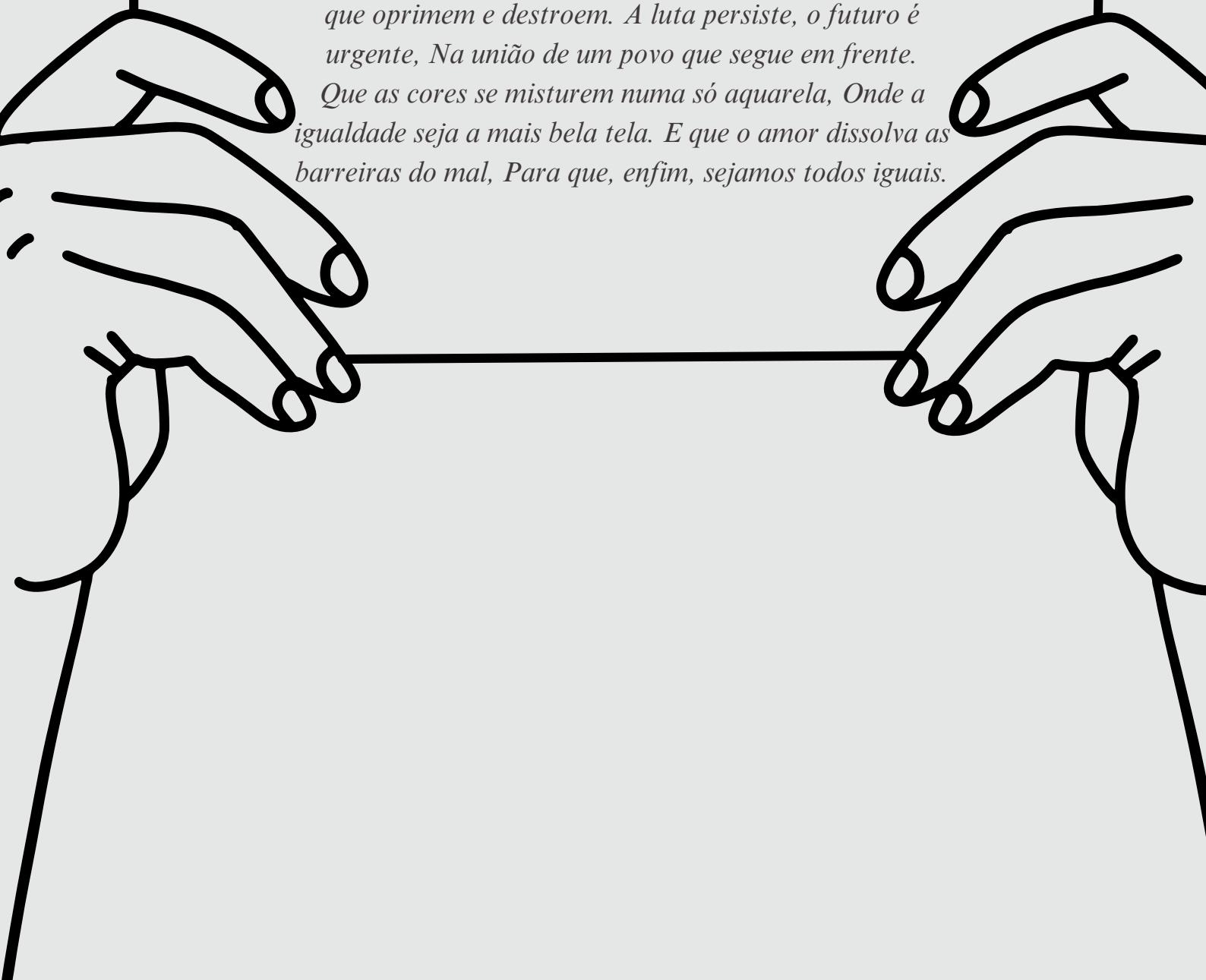
*É hora de agir,
Nada vai nos impedir,
O dever deles, eles devem cumprir
Para o nosso direito a gente conseguir.*

*E somos todos humanos
Temos direito à dignidade
Independente da nossa religião ou cidade!
Deve existir um mundo de igualdade.*

Vozes Silenciadas

No silêncio da noite, ouço vozes caladas, Histórias perdidas, memórias roubadas. Pele marcada pelo tempo e pela dor, Olhares que carregam séculos de clamor. Caminhos trilhados com pesos nos ombros, Sonhos quebrados em escombros. Mas a resistência nasce na raiz, Num solo que clama: justiça se faz aqui. Mãoz que constroem, corações que cantam, Culturas que florescem, mesmo quando espantam. O sol nasce igual para todos os seres, Mas as sombras insistem em se fazer ver.

Erguem-se punhos, levantam-se vozes, Contra correntes que oprimem e destroem. A luta persiste, o futuro é urgente, Na união de um povo que segue em frente. Que as cores se misturem numa só aquarela, Onde a igualdade seja a mais bela tela. E que o amor dissolva as barreiras do mal, Para que, enfim, sejamos todos iguais.



GALERIA DE FOTOS





NA PEDAGOGIA PRETA, EDUCAR PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS É CULTIVAR CONSCIÊNCIAS QUE RECONHECEM E CELEBRAM A FORÇA, A HISTÓRIA E A ANCESTRALIDADE DO POVO PRETO COMO MOTORES DE UMA VERDADEIRA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL.





